



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:**  
**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

**NELI FRANÇA SILVA COUTINHO**

**CONSCIÊNCIA NEGRA: DA TEORIA À PRÁTICA NA SALA DE AULA**

**GUARABIRA**

**2014**

NELI FRANÇA SILVA COUTINHO

**CONSCIÊNCIA NEGRA: DA TEORIA À PRÁTICA EM SALA DE AULA**

Monografia apresentado ao Curso de  
Curso de Especialização em  
Fundamentos da Educação: Práticas  
Pedagógicas Interdisciplinares UEPB/Pólo  
Guarabira, como um dos pré-requisitos  
para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Suely da  
Costa

GUARABIRA  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C871c Coutinho, Neli França Silva  
Consciência negra [manuscrito] : da teoria à prática na sala de aula / Neli França Silva Coutinho. - 2014.  
34 p.

Digitado.  
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Ped. Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.  
"Orientação: Profa. Dra. Maria Suely da Costa, Departamento de Letras".

1. Negro. 2. Consciência. 3. Escola. I. Título.

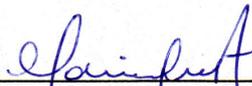
21. ed. CDD 379.26

NELI FRANÇA SILVA COUTINHO

**CONSCIÊNCIA NEGRA: DA TEORIA À PRÁTICA EM SALA DE AULA**

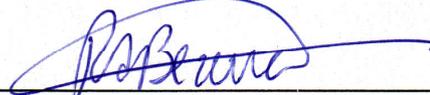
Monografia apresentado ao Curso de  
Curso de Especialização em  
Fundamentos da Educação: Práticas  
Pedagógicas Interdisciplinares UEPB/Pólo  
Guarabira, como um dos pré-requisitos  
para obtenção do grau de Especialista.

Aprovada 19 / 07 / 2014,



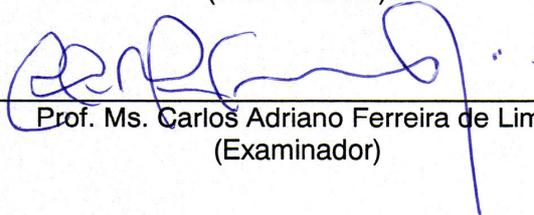
---

Prof.ª. Dra. Maria Suely da Costa  
(Orientadora)



---

Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra  
(examinadora)



---

Prof. Ms. Carlos Adriano Ferreira de Lima  
(Examinador)

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu esposo e aos meus filhos ***Nycherlime Leano França Coutinho*** em especial em memória ao meu amável filho ***Natanael Félix Coutinho Segundo*** por estarem sempre presentes em minha vida, direta ou indiretamente, dando-me forças para prosseguir com sucesso.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus e aos meus filhos Nycherlime Leano França Coutinho e memória ao meu amado filho Natanael Félix Coutinho Segundo, pela força e luz na execução deste trabalho. À professora orientadora deste trabalho, aos demais professores, coordenadores e colegas do curso.

E ao meu esposo **Natanael Felix Coutinho** que com seu amor e dedicação me acompanhou todos os dias com paciência nas adversidades.

A todos muito obrigada!

A solução não está na negação das diferenças ou na erradicação da raça, mas sim na luta e numa educação que busquem a convivência igualitária das diferenças.

(MUNANGA)

## **RESUMO**

Este trabalho trata de questão relativa à Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o estudo da cultura e história afro-brasileira especialmente na educação básica. Em função disso, o objetivo principal está em verificar como professores do ensino básico compreendem e aplicam em sua prática pedagógica a questão da consciência negra. A pesquisa de natureza qualitativa teve por campo uma escola da rede estadual de ensino do município de Alagoa Grande- PB. A discussão adota como referencial teórico estudos voltados para a temática da diversidade cultural e sua inserção no cotidiano escolar. Os dados coletados demonstram que questões referentes à consciência negra estão sendo trabalhados na escola, porém de uma forma muito pontual, demonstrando que ainda necessita de ser aprofundada e ter uma continuidade para que resulte na diminuição da discriminação e preconceitos, e se tenha maior reconhecimento da identidade negra, conforme pretende a Lei.

**Palavras-Chave:** Negro. Consciência. Escola

## **ABSTRACT**

This paper approaches questions about the Brazilian Law number 10.639/2003, which determinates culture's study and Afro-Brazilian History, especially in Basic Education. In this way, the main objective is to verify as basic education teachers comprehend and apply in their pedagogic practices the black conscience question. The search, in quantitative approach, was realized in a state school localized in Alagoa Grande City, Paraíba State. The discussion uses as theorist referential studies destined to cultural diversify question and its insertion in scholar daily. The result from the search demonstrates that questions about black conscience are been worked in school contest, however, in punctual form, fact that demonstrates a necessity to intensify this question and to develop a continual actuation that result in diminution of discrimination and preconceptions, and that the Black could be recognized as written in Law.

**Key-words:** Black. Conscience. School.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>I – BREVE HISTÓRICO DA QUESTAO RACIAL NO BRASIL.....</b>	<b>13</b>
<b>II – CONSCIÊNCIA NEGRA: VALORIZANDO A IDENTIDADE.....</b>	<b>16</b>
<b>III - EDUCAÇÃO E CULTURA AFRO: A CONSCIÊNCIA NEGRA NO AMBIENTE ESCOLAR.....</b>	<b>19</b>
<b>IV – DADOS DA PESQUISA .....</b>	<b>23</b>
4.1 A escola campo de pesquisa .....	23
4.2 Os colaboradores da pesquisa.....	24
4.3 Da teoria à prática: a visão e ação docente.....	25
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>32</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>34</b>

## INTRODUÇÃO

No contexto brasileiro, apesar da abolição, os negros têm sofrido na pele um estigma social denominado discriminação, seja por sua cor, suas crenças ou costumes. Embora ocorra hoje em dia o processo da tolerância racial, é preciso que o assunto seja cuidadosamente estudado à luz da pesquisa, para que possamos responder aos questionamentos específicos de formação do sujeito, a exemplo de saber como o professor, promotor do conhecimento, trabalha em sua sala de aula sobre o mito do povo negro? De que maneira os educandos veem e entendem a questão do racismo? Desde o fim das senzalas no Brasil, muito se ouve falar sobre o respeito à diversidade e a tolerância religiosa e cultural, entretanto, nas salas de aula do nosso país esta política de reconhecimento e inserção é posta em discussão?

O ano de 2013 marca 125 anos da Abolição da Escravatura, porém os negros ainda não tiveram garantida sua integração à sociedade brasileira, pois não receberam nenhuma indenização por séculos de trabalho escravo. Historicamente condenados à marginalidade, 'negro' se tornou sinônimo de exclusão social no Brasil. Por esse motivo todo o processo é entendido, pelo Movimento Negro, como uma abolição inacabada.

Estudos mostram que no Brasil, a maior nação negra fora da África (Cf. GOULARTE; MELO, 2013), assistiu-se mais de 5 milhões de africanos serem escravizados (40% do total de negros arrancados da África pelo tráfico negreiro) e atualmente os negros continuam sofrendo com profundas desigualdades sociais. De acordo com o Índice de Desenvolvimento Humano, as condições de vida dos negros hoje são péssimas. São os negros que ganham os piores salários, são os primeiros a serem demitidos, além dos livros escolares oficiais não contarem a história a partir da visão do negro. A lógica do sistema capitalista, visando lucro e exploração, permite que capitalistas se aproveitem do racismo para pagar menores salários a negros, e estes serem os primeiros demitidos, ampliando o número de

desempregados negros, que acabam por aceitar salários mais baixos, para não morrerem de fome.

A problemática se estende aos jovens negros que tendem a ser o principal alvo da violência urbana, muitos entram nas estatísticas de mortes por ações policiais. Quanto as jovens negras são as que mais morrem por abortos mal feitos, por utilizar clínicas baratas e clandestinas. Tendem a serem também as mais oprimidas, por preconceito racial, de classe e machismo. (Cf. CUNHA, 2006)

Em 20 de outubro de 2010, entrou em vigor a lei que instaura o Estatuto da Igualdade Racial, que não representa o real combate ao racismo, uma vez que não garante o fim das discriminações e nem suas punições. O Estatuto não caracteriza o racismo como crime de lesa-humanidade; nem contempla os negros na questão da titulação das terras quilombolas, na representação nos meios de comunicação, nas políticas de ação afirmativa e atendimento especial à saúde.

Por mais que uma lei proponha mudanças significativas, é fato que não dará conta de resolver tudo, uma vez que

O equilíbrio para a configuração de uma identidade cultural e a flexibilidade para a diversidade cultural e um objetivo e, provavelmente, uma utopia, que colocará a educação em movimento constante, porque nem a identidade, nem os elementos do meio cultural são fixos. (BARBOSA, 1998, p.79)

Neste caso, cabe à educação o desafio de tratar constantemente e de forma coerente sobre as questões que envolvem a diversidade cultural, nos sentido de formar consciências. Do ponto de vista da consciência negra, a compreensão é a de que somente realizando discussões e trazendo o tema à escola, articulado teoria à prática, é que se tornará possível minimizar o preconceito contra o negro, abrindo espaço para um ensino mais democrático e igualitário, além de construir uma consciência de respeito às diferenças..

Em função disso, é que este trabalho apresenta como foco a questão da consciência negra. O objetivo está em verificar como professores do ensino básico de uma escola do município de Alagoa Grande –PB, compreendem o assunto e o põem em prática na sala de aula. Para tanto, direcionou-se uma pesquisa

bibliográfica acrescida de uma pesquisa-campo na qual foi possível verificar como professores do Ensino Fundamental de uma escola estadual compreendem e abordam o conteúdo referente à consciência negra na sua prática pedagógica.

O recorte se justifica pelo meu interesse acompanhar a realidade das práticas referentes ao negro. Como integrante de uma família negra, considero relevante participar do processo de inclusão social e atentar a todas as lutas pelas quais o povo negro passa até os nossos dias. Ao longo do curso de Especialização percebi o quanto o assunto me interessava, visto quanto o negro foi esquecido, ou até mesmo tratado com indiferença na realidade brasileira.

Este trabalho se inscreve como uma atividade resultante de estudos realizados no Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares, financiado pelo Governo do Estado da Paraíba em parceria com a Instituição de Ensino Superior Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. É fruto ainda das discussões propostas pelas disciplinas voltadas para as questões do problema da alteridade e o reconhecimento do outro, assim como as maneiras de agir e pensar dos indivíduos.

O trabalho está organizado em quatro partes. Na primeira, encontra-se um breve recorte histórico da questão racial no Brasil; na segunda, o foco está na consciência negra, observando o conceito e proposições referentes à valorização da identidade negra; na terceira parte, a discussão orienta-se para a educação da cultura afro-brasileira no espaço escolar; e na quarta parte, têm-se os dados da pesquisa realizada com os professores colaboradores, acompanhado de uma análise dos mesmos. Por fim, as considerações finais do estudo e o referencial bibliográfico de apoio à discussão.

## **I - BREVE HISTÓRICO DA QUESTÃO RACIAL NO BRASIL**

A História do Brasil é marcada pelos incansáveis conflitos de interesses ao longo dos tempos, desde a época da escravidão aos dias de hoje. O genocídio da população negra sempre fora capítulo vergonhoso da nossa história, pois desde sempre o negro fora relegado a um plano inferior ao do branco europeu. Dados mostram que, geralmente, os fatos históricos são cíclicos, apresentando sempre um final, entretanto aqueles relacionados com a questão racial perduram até nossos dias, passando de século a século. Nos últimos tempos, os fenômenos do multiculturalismo (FLEURI, 2003), defendendo o reconhecimento das diferenças, da individualidade de cada um, posto que se trata de indivíduos de raças diferentes, e a predominância da tolerância, fruto de uma nova consciência, amenizam a situação, mas não a extinguem.

Estudos mostram que a questão racial esteve presente em vários momentos da história. Santos (2005, p. 11) demonstra que, no decorrer do período escravagista, vigoraram teorias científicas que sustentavam a existência de raças, assim como uma hierarquia evolucionista entre estas raças, sendo a “raça branca” a mais evoluída, e as demais, principalmente a “raça negra”, inferiores.

Nas décadas de 1930 a 1940, autores, a exemplo de Gilberto Freyre, defenderam a ideia de uma democracia racial brasileira. As teorias desse período concluíram que pela miscigenação entre raças no Brasil o preconceito era apenas de classe e não de cor. Assim, o preconceito racial passou a ser negado, só eram reconhecidas as desigualdades de classe, e não de cor. Estas ideias, contudo, contribuíram para que não fossem feitas ações públicas de promoção da igualdade racial e para o fim da discriminação no país, o que resultou na perpetuação de ambos. (OSÓRIO, 2008, p. 68).

No contexto nacional, após mais de cinco séculos de preconceitos e marginalização com os afrodescendentes e com uma população formada por mais de 50% de negros, o Brasil tenta eliminar a maior das violências contra o negro: o

racismo. Contudo, de acordo com Cavalleiro (2001), cada vez mais o racismo aparece disfarçado, camuflado, e agora sempre vem junto com a ideia de que “não foi isto que eu quis dizer”, “eu não sou racista”, “foi só uma brincadeira”, uma vez que devido à criminalização do racismo todos se policiam. Contudo, no espaço escolar, é visível a presença das mais diversas formas de racismo, através dos apelidos, nas brincadeiras e principalmente na exclusão e no isolamento.

No contexto brasileiro, a questão racial teve grande destaque nas décadas 1930 e 1950 não só como tema de investigação patrocinada pelas Nações Unidas, mas como uma questão política e existencial para intelectuais negros que se organizavam no período. Criaram o movimento negro e a Frente Negra Brasileira, em 1931. Uma das mais significativas experiências de mobilização da década de 1950 foi o periódico *Quilombo*, que trazia como subtítulo "Vida, problema e aspirações do negro", sob a direção do intelectual negro Abdias Nascimento. Outras publicações em forma de jornal, assim como o Movimento Negro, a exemplo dos os militantes da Frente Negra Brasileira – FNB procuraram romper as barreiras sociais impostas aos negros para sua total integração, denunciando as manifestações de discriminação e preconceito. (MENDONÇA, 1996, p. 69).

A história dar conta de uma série de organização e manifestação de negros no Brasil, mas foi o ano de 1978 que entrou para a história dos movimentos negros como o marco de uma nova postura e formas de organização. Neste ano foi fundado o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial – MNUDCR. Com o resultado do acúmulo das experiências anteriores e da consciência de que a luta não deveria estar presa à ideia de integração social e nem nas denúncias, o foco a partir de então era o de que a população negra deveria engajar-se na luta pela própria superação das estruturas que permitiam a discriminação e a marginalização do negro no Brasil.

Nos últimos tempos, o Brasil passou por um fenômeno observado por Soares (2008) no qual aumentou o número de indivíduos que se auto-declararam negros, especialmente no período de 2001 a 2007. Segundo o citado autor, esse fenômeno pode ser fruto de políticas afirmativas, o que chama a atenção para fato de ainda

encontramos no meio social muitas manifestações de racismo e preconceito com o negro.

Daí a importância de se tomar como objeto de estudo a ideia da consciência negra e verificar como esta é posta na relação com as práticas sociais atuantes no contexto da sala de aula. Sabe-se que em uma perspectiva multidisciplinar, as relações de desigualdade, preconceito e discriminação racial podem ser temas para debate e reflexão, no caso específico do Brasil, em virtude de sua configuração cultural plural, resultante dos pensamentos e ações sociais vivenciados no decorrer de sua história.

## II – CONSCIÊNCIA NEGRA: VALORIZANDO A IDENTIDADE

Celebrado no Brasil no dia 20 de novembro, o Dia da Consciência Negra é uma data que está incluída na semana da Consciência Negra e tem como objetivo uma reflexão sobre a introdução dos negros na sociedade brasileira. O dia 20 de Novembro foi escolhido como uma homenagem a Zumbi dos Palmares, data na qual morreu, lutando pela liberdade do seu povo no Brasil, em 1695. Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares, foi um personagem que dedicou a sua vida lutando contra a escravidão no período do Brasil Colonial, onde os escravos começaram a ser introduzidos por volta de 1594. Um quilombo tinha a função de lutar contra as doutrinas escravistas e também de conservar elementos da cultura africana no Brasil.

O Dia Nacional da Consciência Negra foi incluído no calendário escolar em 2003, com o advento da Lei 10.639. Esta lei tornou obrigatório o ensino sobre diversas áreas da História e cultura Afro-Brasileira, possibilitando ser abordados temas como a luta dos negros no Brasil, cultura negra brasileira, o negro na sociedade nacional, inserção do negro no mercado de trabalho, discriminação, identificação de etnias etc. Em 2011, a presidente Dilma Roussef sancionou a lei 12.519/2011, lei que criou a data, porém não obriga que a data seja feriado. Mesmo assim, O Dia da Consciência Negra é um feriado em diversas cidades brasileiras.

A Lei 10.639/2003 estabelece diretrizes e bases da educação nacional, orientando para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira”. Isso implica a necessidade de abordar a temática em questão no ensino de todas as disciplinas do currículo da educação básica, que inclui o ensino fundamental e médio.

Assim como o dia da Consciência negra, a presença da lei, pautando a necessidade de inserir no espaço escolar a formação voltada para as diferenças, por si só não bastam. Contudo, chamam a atenção para importância de uma prática

pedagógica que envolva os diversos grupos étnico-culturais e suas respectivas culturas. A perspectiva é a de que no ambiente escolar se oferte

uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente integradas. (CANDAUI, 2008, p.52)

Propor a questão da consciência negra no ambiente escolar, por meio das variadas manifestações, é dar voz efetiva aos sujeitos envolvidos nas práticas de educação numa perspectiva intercultural. Mais do que uma necessidade, é condição para a emancipação do negro, uma vez que o proposto deva ser no sentido de criar uma consciência de valorização de sua identidade.

De acordo com Elias e Scotson (2000), é no interior das relações que as identidades se modificam. Vale ressaltar, segundo Barth (2000), que a “identidade” apresenta-se também como um elemento político e organizativo, podendo ser estrategicamente negada ou afirmada de acordo com a conjuntura social e política, na qual está inserida. Sendo assim, pensar em uma “identidade negra” é pensar uma identidade vivida nas diferenças. Como destacamos, a “identidade” é sempre definida em termos relacionais. Dessa forma, as categorias sociais de auto identificação são produzidas no âmbito das relações sociais e das disputas de poder (Elias e Scotson, 2000).

A resistência contra o preconceito racial é um dos fatores importantes para se construir o processo de reeducação nas relações entre negros e não negros, nos processos pedagógicos, políticos e econômicos. A tomada de consciência tende a levantar a moral do povo negro, ajudando-o a valorizar a cultura étnica negra possibilitando que se crie uma autoestima por si mesmo.

O trabalho de educação antirracista deve começar cedo, ainda na infância, onde o primeiro desafio é produzir o entendimento da identidade e equidade racial,

devendo estar focada na diversidade cultural e ética, no fortalecimento da identidade dos descendentes afro-brasileiros, para que as crianças brancas ou negras se reconheçam como semelhantes.

No espaço escolar, diversas são as possibilidades capazes de iniciativas na afirmação das relações de parentesco, filiação e identidade com as culturas africanas, procurando reconhecer sua história, laços culturais e religiosos e os vínculos dos negros brasileiros com os seus descendentes africanos.

### III - EDUCAÇÃO E CULTURA AFRO: A CONSCIÊNCIA NEGRA NO AMBIENTE ESCOLAR

Quando se trata de trabalhar a respeito da marginalização que sofreu o povo negro ao longo de sua história, o panorama fica mais difícil, sobretudo na escola, pois tende a ser em apenas um dia por ano que esta realidade é lembrada. No dia 20 de novembro, o Dia da Consciência Negra, os ambientes escolares tendem a celebrar homenagens às negras raízes do povo brasileiro tomando como referência as datas comemorativas, e o 20 de novembro é posto como marco da conquista da liberdade do povo negro.

Contudo, o dia da Consciência Negra também põe em pauta a importância de se discutir a temática negra na escola de uma forma mais ampla. A Lei 10.639/03, que trata sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, ressalta a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira:

Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o *caput* deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

A inclusão de assuntos ligados à África e ao povo negro na educação formal é uma das estratégias para reconhecer a presença desse grupo na história do Brasil - os negros correspondem a 6,8% da população brasileira segundo o IBGE, mas os chamados "pardos" chegam a um número próximo da metade da população brasileira. Não à toa, escolas e instituições diversas já reconhecem a importância de trabalhar a cultura negra em seu dia a dia.

Além disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) estabelecem que a diversidade cultural do país deve ser trabalhada no âmbito escolar, ao destacar que a “sociedade em que vivemos valoriza outro estereótipo, o que resulta na invisibilização do negro. Isso tem um efeito bastante perverso: as crianças negras nunca se vêem e o que elas olham é sempre diferente delas”. Quanto à pluralidade cultural, os PCNs (1997, p 19) registra:

A temática da Pluralidade Cultural diz respeito ao conhecimento e à valorização de características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, às desigualdades socioeconômicas e à crítica às relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira, oferecendo ao aluno a possibilidade de conhecer o Brasil como um país complexo, multifacetado e algumas vezes paradoxal.

Consideramos que a escola é um dos principais espaços para refletir, ensinar e aprender sobre as diferentes raças que formam a variedade de culturas do país. É a música, a dança, a culinária, a fala, a literatura, a forma de se vestir, os costumes e tantos outros aspectos que tornam esse povo tão diverso. Por isso, é de extrema relevância, que os professores estejam aptos a desenvolver atividades que contemplem a nossa diversidade cultural, possibilitando a reflexão sobre nossa identidade, independente da série, explorem temáticas que possibilitem a discussão acerca da origem e da influência de povos como os negros na construção do país.

A pluralidade cultural é um tema que pode ser abordado de forma transversal, em várias disciplinas. Considerando que

Este tema propõe uma concepção que busca explicitar a diversidade étnica e cultural que compõe a sociedade brasileira, compreender suas relações, marcadas por desigualdades socioeconômicas e apontar transformações necessárias, oferecendo elementos para a compreensão de que valorizar as diferenças étnicas e culturais não significa aderir aos valores do outro, mas respeitá-los como expressão da diversidade, respeito que é, em si, devido a todo ser humano, por sua dignidade intrínseca, sem qualquer discriminação. A afirmação da diversidade é traço fundamental na construção de uma identidade nacional que se põe e repõe

permanentemente, tendo a Ética como elemento definidor das relações sociais e interpessoais. (PCNs, 1997, p.19)

No ambiente escolar, é necessário, pois, uma ação pedagógica que busque inserir no processo de ensino dos conteúdos a compreensão de que respeitar e valorizar as diferenças étnicas e culturais é fundamental. Somente assim, é que se institui

uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente integradas. (CANDAUI, 2008, p.52)

Nesse sentido, entendemos que trabalhar a questão da consciência negra na escola desde cedo ajuda a combater a discriminação, incentiva o respeito pelas diferentes culturas, assim como promove o intercâmbio entre elas, produzindo novos sentidos e ampliando os conhecimentos e as noções de responsabilidade e de solidariedade. São questões como essas e a necessidade de se legitimar as diferentes culturas que integram parte da formação do brasileiro que motivaram a instituição da Lei 10.639/2003, ampliada pela Lei Nº 11.645, de 10 de março de 2008.

A escola, por se configurar como espaço legítimo onde se dá o processo de socialização, é o ambiente adequado para se discutir a questão da diversidade - cultural, racial, social. No momento atual, para que este processo aconteça é necessário o convívio multicultural que implica respeito ao outro, diálogo com os valores do outro, construindo nova consciência.

Uma prática pedagógica atrelada a uma pedagogia anti-racista cria estratégias para garantir a permanência da parcela negra da população escolar na

escola. Cabe, portanto, ao professor/educador ser um mediador entre a criança e o mundo, pois é por meio das interações que ela constrói uma auto-imagem em relação à beleza, à construção do gênero e aos comportamentos sociais. É na contextualização de situações de diversidade étnico-racial e a vida cotidiana nas salas de aula que alunos e alunas aprenderão conceitos, analisarão fatos e poderão se capacitar para intervir na sua realidade e transformá-la. Para tanto, é necessário o professor considerar a singularidade de cada criança com suas necessidades, desejos, queixas, bem como as dimensões culturais, familiares e sociais. O acolhimento da criança implica o respeito e reconhecimento do outro na sua especificidade, possibilitando interações positivas entre professores e alunos.

## **IV- DADOS DA PESQUISA**

A pesquisa foi direcionada para aplicação de questionário com os colaboradores, professores do ensino fundamental, cujos dados serão apresentados a seguir.

### **4.1 A escola campo de pesquisa**

A escola estadual de Ensino Fundamental de Demonstração de Alagoa Grande – CEPES AG1, Alagoa Grande – PB, funciona na Rua Ruy Barbosa, na cidade de Alagoa Grande. Esta unidade escolar nasceu da necessidade do Centro de Formação e Treinamento de Professores de Alagoa Grande que não tinha laboratório para avaliar os professores e cursistas. Foi inaugurado no Governo Estadual de Pedro Moreno Gondin e o Secretário da educação Antônio Nominando de Diniz. Nasceu como escola Estadual de 1º Grau de Demonstração de Alagoa Grande. Foi criada com o intuito de treinar, preparar, habilitar professores, servindo como laboratório para os cursistas realizarem a sua prática de aprendizagem, obtida em sala de aula com fins profissionalizantes.

De início foi criada a primeira fase que correspondia às quatro primeiras séries do antigo primário. Mais tarde ampliada até a segunda fase, sendo ampliado gradativamente ano após anos, até atingir a 8ª série do primeiro grau, incluindo a pré-escola e a alfabetização. Foi desvinculada do centro de formação e treinamento de professores de Alagoa Grande, funcionando com o decreto Lei de Criação 896412/1981, no governo de José Targino Maranhão.

Atualmente, após a promulgação da nova LDB 9394/96, a escola passou a denominar-se Escola Estadual de Ensino Fundamental de Demonstração de Alagoa Grande. A escola está situada na zona urbana, mas também atende alunos da zona rural. Atualmente, não possui um número de salas suficiente para atender a demanda de alunos, apresentando uma estrutura pequena e inadequada. A escola funciona nos dois turnos (matutino e vespertino), com uma média de 700 alunos

matriculados. Dispõe de poucos recursos didáticos. Possui 30 professores com curso superior completo e formação pedagógica. No que se refere ao quadro administrativo, a escola conta com direção e vice-direção, auxiliar de datilógrafo, uma merendeira, uma vigia e quatro auxiliares de serviço.

A escola desenvolve atividades pedagógicas promovidas pelos projetos “Mais Educação” e “primeiros saberes da infância”.

#### **4.2 Os colaboradores da pesquisa**

Dos professores que atuam na escola campo de pesquisa, 05 aceitaram colaborar com a pesquisa, respondendo questionários. Destes, 03 são do sexo feminino e 02 do sexo masculino. 02 são graduados e 03 são pós-graduados, nível especialista. Dois colaboradores atuam a pouco na função docente, entre 02 e 03 anos. Os demais atuam há bastante tempo, em média de 18 a 29 anos.

Dentre os entrevistados, registram-se:

01 professor de Ciência Biologia (colaborador 1);

01 professor de Geografia (colaborador 2);

02 professores de Língua Portuguesa (colaborador 3 e colaborador 4);

01 professor polivalente (colaborador 5).

Esclarecemos que, no decorrer do registro dos dados, cada colaborador será identificado por ordem numérica.

### 4.3 Da teoria à prática: a visão e ação docente

Quanto ao tema da consciência negra, foram direcionadas 06 questões abertas aos professores colaboradores. Para fins didáticos, optamos por descrever os dados conforme ordem numérica das questões (de 1 a 6), seguida da análise interpretativa dos dados. Para cada questão, especialmente na primeira questão, selecionamos das respostas apenas a síntese das ideias.

*A primeira questão - verificar a compreensão dos docentes sobre consciência negra.*

PROFESSOR/ COLABORADOR	RESPOSTA / RELAÇÃO
C-1	O trabalho de resgate do valor do negro
C-2	O dia da consciência negra tem como objetivo a reflexão
C-3	É a palavra-chave que se deve ter sobre o racismo
C-4	O dia da consciência negra, morte de Zumbi
C-5	Lembrar todo o sofrimento do negro durante toda a sua história

Observa-se um entendimento a respeito da consciência negra muito restrito à data comemorativa e ao fator histórico. Os colaboradores C-1 e C5 associam a ideia ao resgate histórico do negro, ao passo que C-2 e C-4 relacionam à ideia do dia comemorativo. Não se identifica, pois, uma compreensão mais ampla no sentido de uma reflexão quanto à introdução dos negros na sociedade brasileira, possibilitando uma maior discussão sobre a diversidade cultural, racial e social.

*A segunda questão - verificar a compreensão do docente de como se trabalhar a consciência negra na escola.*

PROFESSOR/ COLABORADOR	RESPOSTA / RELAÇÃO
C-1	Deve ser trabalhado de forma interdisciplinar e contextualizada com a sociedade na qual o aluno está inserido.
C-2	Com atividades que promovam o diálogo e a reflexão sobre os negros na sociedade brasileira
C-3	Pontuando valores, cultura negra, os aprendizados dos negros escravos que têm influência nos dias de hoje.
C-4	Mostrando ao aluno que os negros foram trazidos da África, foram forçados a trabalhar e que contribuíram na formação do nosso país.
C-5	Mostrando ao aluno a contribuição dos negros para a formação do Brasil

Ao passo que os dois primeiros colaboradores (C-1; C-2) propõem formas de ação pedagógica mais dinâmica e aberta ao diálogo ao tratar da questão, os três últimos (C-3, C-4, C-5) revelam uma tendência à mera exposição de um passado histórico (“pontuar”, “mostrar”). É fato que os negros contribuíram na formação do país. Contudo, o negro é um sujeito do tempo atual em constante participação, interessante discutir como e de forma se dá essa participação.

*A terceira questão – verificar se o docente trabalha a respeito da consciência negra na sala de aula e quais atividades são utilizadas.*

PROFESSOR/ COLABORADOR	RESPOSTA / RELAÇÃO
C-1	Trabalho, porém só na época que acontece o dia da consciência negra. Geralmente, trabalho com textos e vídeos.
C-2	Com atividades que promovam o diálogo e reflexão sobre os negros na sociedade brasileira, mostrando situações de discriminação e a rica cultura da população negra.

C-3	Trabalho com as diferenças, adequando os direitos e deveres de cada cidadão independente de cor e raça.
C-4	Sim. Na literatura com texto de Fernando Sabino “Preto e Branco”. Mostrando nas oficinas a imagem do negro nos livros didáticos. Juntos descobrir uma maneira de nos assumir a raça a que eu pertença.
C-5	Sim. Com textos e interpretação.

Todos os docentes afirmam trabalhar sobre a consciência negra na sala de aula. Apontam para o uso de atividades que direcionam à interpretação de textos e à reflexão, porém há docente que se prende a apenas discutir a respeito da consciência negra somente quando da data comemorativa o dia da consciência negra .

*A quarta questão – verificar se o docente já presenciou algum momento de racismo na sala de aula.*

PROFESSOR/ COLABORADOR	RESPOSTA / RELAÇÃO
C-1	Já...quando aluno, não como professor. O aluno chamou a menina de “neguinha”.
C-2	Racismo na sala de aula acontece, pois não se trabalha o tema com frequência nas escolas.
C-3	Sim. No momento de interagir com pessoas negras
C-4	Sim. Sou negra e os alunos queriam que eu aceitasse se morena.
C-5	Sim. Muitas vezes quando alunos criticam colegas negros.

Todos os colaboradores afirmaram positivamente quanto a ter presenciado racismo na sala de aula. Tal fato comprova o reflexo das práticas discriminatórias da sociedade também presente no ambiente escolar. Condição que exige da escola, enquanto instrumento e formação, conforme apontado pelo C-2, debater com mais frequência sobre o problema do racismo que discrimina e desumaniza os negros.

*A quinta questão – verificar como as crianças negras são tratadas na sala de aula*

PROFESSOR/ COLABORADOR	RESPOSTA / RELAÇÃO
C-1	Nas escolas onde trabalho, vejo que são bem tratadas.
C-2	Não raro sofrem discriminação através de “brincadeiras” que depreciam a imagem dos negros.
C-3	Vai depender de como cada educador e os alunos aceitam as crianças negras.
C-4	Os educadores dizem que as crianças negras são tratadas iguais, mas só quem é negro (a) sabe es ente a diferença.
C-5	Em certos momentos são desrespeitados

O quadro acima também confirma a existência de práticas discriminatórias na sala de aula que se dão seja por meio de “brincadeiras” negativas (C-2), por “desrespeitos” (C-5) ou até mesmo a depender da postura assumida pelo professor na relação com a criança negra, conforme aponta o C-3. Já o colaborador C-1, no uso da expressão “bem tratada” assinala não haver discriminação, porém não indica mais detalhes esclarecendo como são as relações.

*A sexta questão – verificar a metodologia usada pelo docente para solucionar uma situação que envolva o racismo.*

PROFESSOR/ COLABORADOR	RESPOSTA / RELAÇÃO
C-1	Dentro da minha disciplina, faria um resgate histórico da importância dos negros e explicaria que a cor da pele é puramente questão de pigmento da pele, a melanina.
C-2	Propondo situações que demonstrem que os seres humanos são importantes não pela cor da pele, mas pelo seu caráter.
C-3	Aproveitando o “dia da consciência negra”, faria uma aula de campo para visitar e participar dos eventos de uma região de Alagoa Grande – Caiana dos Crioulos”, mostraria o desempenho da mão de obra qualificada, e na cultura da região, a tradição, as cirandeiras de Caiana.
C-4	Com textos e questionário relacionando a temática do racismo nas escolas.
C-5	Com debates com o tema “racismo”.

No tocando à questão da prática docente no sentido de minimizar as iniciativas de racistas no ambiente da sala de aula, todos afirmaram utilizar de alguma estratégia, a exemplo de debate, questionário, aula de campo, resgate histórico sobre o negro. Uma questão em destaque é o fato de se fazer isso ocasionalmente apenas, seja por um conteúdo da disciplina ou por ocasião da comemoração o dia da consciência negra.

Tomando como referência os dados coletados e compreendendo a ideia da consciência negra numa dimensão mais ampla de reconhecimento do negro, é válido que observar que, quando se dedica apenas tempo específico para tratar a questão ou direcioná-la para uma disciplina, corre-se o risco de considerá-la uma questão exótica a ser estudada, sem relação com a realidade vivida. A questão racial pode ser tema tratado em todas as propostas de trabalho, projetos e unidades de estudo ao longo do ano letivo, possibilitando assim a formação de uma nova consciência.

Ao estudar a cultura afro-brasileira, atentar para visualizá-la com consciência e dignidade. Recomenda-se enfatizar suas contribuições sociais, econômicas, culturais, políticas e seus valores. Banalizar a cultura negra estudando tão somente aspectos relativos a seus costumes, alimentação, vestimenta ou rituais festivos sem contextualizá-la deve ser um procedimento a ser evitado.

Tratar as questões raciais no ambiente escolar de forma simplificada em algumas áreas, ou em uma disciplina, etapa determinada ou dia escolhido, não é a melhor estratégia para levar os alunos aos posicionamentos de ações reflexivas e crítica da realidade em que estão inseridos. Na contextualização das situações, eles aprenderão conceitos, analisarão fatos e poderão se capacitar para intervir na sua realidade para transformá-la.

## CONCLUSÃO

Trilhando o caminho da escola, nossa pesquisa teve por interesse verificar na prática docente a forma como a Consciência Negra, tão refletida pelas mídias sociais, é compreendida pelo professor e se efetiva em sala de aula, pois com o advento da modernidade, a vida das pessoas mudou consideravelmente, bem como suas formas de pensar e agir no mundo.

Com o apoio de estudos bibliográficos sobre o negro e a questão da consciência negra, juntamente com a aplicação de questionário com professores do Ensino Fundamental de uma escola estadual do município de Alagoa Grande sobre o tema, foi possível conhecer a realidade da sala de aula no que diz respeito a formação para o reconhecimento do outro e da diferenças

A pequena mostra coletada comprova que a existência da Lei 10.639/2003, que estabelece diretrizes e bases da educação nacional, orientando para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira”, por si só não basta. Apesar da existência de iniciativas pedagógicas voltadas para estudo do negro, os dados coletados chamam a atenção ainda para a necessidade de formação continuada do corpo docente no sentido de que possa desenvolver práticas pedagógicas que envolvam os diversos grupos étnico-culturais e suas respectivas culturas. Isso porque ficou constado que questões referentes à consciência negra estão sendo trabalhados na escola ainda de uma forma muito pontual, demonstrando a necessidade de ser aprofundada e ter uma continuidade para que resulte na diminuição da discriminação e preconceitos, possibilitando que se tenha maior reconhecimento da identidade negra, conforme pretende a Lei.

É por reconhecer que a escola se apresenta como um espaço de formação, que a importância deste estudo se justifica. A nossa compreensão como negra e educadora é a de que “a solução não está na negação das diferenças ou na erradicação da raça, mas sim na luta e numa educação que busquem a convivência igualitária das diferenças”, conforme defende MUNANGA (2005-2006).

## REFERÊNCIAS

BARTH, Fredrik. Os Grupos étnicos e suas Fronteiras. In: \_\_\_\_\_. **O Gurú, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas**. Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

BRASIL. **Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm), acesso em 10 de julho de 2009.

BRASIL. **Lei nº 11.654 de 15 de abril de 2008**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11654.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11654.htm)

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa**. Brasília: MEC; SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : pluralidade cultural, orientação sexual** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

CANDAU, Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação, v.13, nº37 jan/abr. 2008**.

CAVALLEIRO, E. (org.) Discriminação racial e pluralismo em escolas públicas da cidade de São Paulo. In: **SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE. Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. – São Paulo: Selo Negro, 2001.

CUNHA JR., Henrique. **Por um projeto de ensino de história dos afrodescendentes**. Fortaleza: Mimeografo. FE/UFC. 2005.

\_\_\_\_\_. **Me chamaram de macaco e eu nunca mais fui a escola**. Fortaleza: Mimeografo. Faculdade de Educação - UFC. 1995.

\_\_\_\_\_. **Espaço urbano e pobreza da população negra**. Salvador: Anais do Quarto Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros. 2006.

ELIAS, Nibert & SCOTSON John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das Relações de Poder, a partir de uma Pequena Comunidade**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FONSECA, M. V. **Concepções e práticas em relação à educação dos negros no processo de abolição do trabalho escravo no Brasil (1867-1889)**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte:UFMG, 2000.

FLEURI, R. M. Multiculturalismo e interculturalismo nos processos educacionais. IN: LINHARES, C. F. et ali. **Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa**. ENDIPE. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GOULARTE, Raquel da Silva; MELO, Karoline Rodrigues de. “A lei 11.645/08 e a sua abordagem nos livros didáticos do ensino fundamental”. In: **Entretextos**, Londrina, v.13, nº02, p.33---54, jul./dez.2013.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (MEC-SECAD), 2005. p. 65-104.

MUNANGA, kabengele. Algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. In: **REVISTA USP**, São Paulo, n.68, p. 46-57, dezembro/fevereiro 2005-2006.

MENDONÇA, Luciana F.M. **Movimento Negro: da marca da inferioridade racial à construção da identidade étnica**. Dissertação (Mestrado em Antropologia), FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

OSÓRIO, R. “Desigualdade Racial e Mobilidade Social no Brasil: Um Balanço de Teorias”. In: **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição**. Brasília: IPEA, 2008.

SANTOS, G. **A Invenção do “Ser Negro”**: Um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

(SECAD). **Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei federal nº 10.639/03**. Brasília:

SOARES, S. “A Demografia da Cor: A Composição da População Brasileira de 1890 a 2007”. In: **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição**. Brasília: IPEA, 2008.

## APÊNDICE

### QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES DO ENINO FUNDAMENTAL I E II DA REDE ESTADUAL DO MUNICÍPIO DE ALAGOA GRANDE -PB.

#### DADOS PESSOAIS:

01 - Identificação:

Professor (  ) Professora (  )

02- Qual a sua formação acadêmica?

(  ) graduação (  ) especialização (  ) mestrado (  ) doutorado

03- Há quanto tempo leciona? -----

04- Quais disciplinas leciona? -----

05- Qual a faixa etária de seus alunos? -----

#### QUESTÕES SOBRE A CONSCIÊNCIA NEGRA:

01- O que você entende por consciência negra?

02- Como se trabalhar a consciência negra em sala de aula?

03- Com quais atividades trabalha a consciência negra na sala de aula?

04- Você já presenciou alguma forma de racismo em sua sala de aula, como aconteceu?

05- Como as crianças negras são tratadas na sala de aula?

06- Enquanto educador (a), diante de uma situação que envolva o racismo, que metodologia você usaria para solucionar a questão?